

Barreiras à expressão da criatividade entre profissionais brasileiros, cubanos e portugueses

Eunice M.L.Soriano de Alencar

Universidade Católica de Brasília

Albertina Mitjáns Martínez

Universidade de Havana, Cuba

Resumo

Investiga barreiras à expressão da criatividade pessoal percebidas por 290 profissionais de educação do Brasil, Cuba e Portugal. Para identificação das barreiras, solicitou-se aos sujeitos para completar a sentença: eu seria mais criativo se... Realizou-se análise de conteúdo, elaborando-se categorias que abrangeram, em suas matizes, o conteúdo referente às distintas barreiras. Observou-se, que dentre os profissionais brasileiros e portugueses, foram as barreiras de ordem pessoal as mais apontadas, enquanto, entre os cubanos, foram as de ordem social. Observou-se que o medo (de errar, do fracasso, da crítica) foi a barreira pessoal mais apontada pelos brasileiros e portugueses, ao passo que, na amostra cubana, foi a insuficiente capacidade de observação, análise ou reflexão. Quanto às barreiras de ordem social, a falta de tempo foi o aspecto mais salientado nas distintas amostras. Como o cultivo da criatividade no contexto escolar depende necessariamente da atuação dos profissionais que atuam neste contexto, seria relevante implementar estratégias que possibilitassem a superação de barreiras identificadas.

Palavras-chave: criatividade, desenvolvimento profissional, barreiras

Barriers to the expression of personal creativity among Cuban, Brazilian and Portuguese professionals

Summary

Barriers to the expression of personal creativity were investigated among 290 education professionals from Brazil, Cuba and Portugal. These subjects were requested to complete the following sentence: I would be more creative if... Content analysis was used to analyse the data. More Brazilian and Portuguese professionals indicated inner barriers, while the social barriers were pointed by more Cuban professionals. It was observed that fear (of making mistakes, failure, and criticism) was the personal barrier more pointed by Brazilian and Portuguese professionals, while the insufficient ability for observation, analysis and reflection was the most common personal barrier in the Cuban sample. Lack of time was the social barrier more common in the distinct samples. Due to the fact that nurturing creativity in the educational context depends necessarily on the educational professionals, it would be relevant the implementation of strategies to surpass the identified barriers.

Key Words: creativity, professional development, barriers

Muitos são os fatores que afetam a expressão da criatividade. Alguns destes fatores dizem respeito ao indivíduo, outros ao ambiente de trabalho e ainda outros à dimensão histórica e cultural da sociedade. Observa-se que as primeiras pesquisas na área se restringiram sobremaneira à dimensão psicodinâmica da criatividade. Estas apontavam para características do indivíduo, estilos de pensamento, abordagens para resolução de problemas, traços de personalidade e motivação, deixando de lado as implicações do contexto sócio-histórico mais amplo. Uma exceção foi a contribuição de Vygotsky, no início da década dos 30, na União Soviética, que levou em conta o papel do social na criatividade, a partir de sua concepção sobre o desenvolvimento histórico-cultural das funções psíquicas superiores (Vygotsky, 1931/1980, 1932/1990, 1931/1991). Suas concepções gerais em relação à criatividade tiveram interessantes desdobramentos em diversos autores

soviéticos, entre os quais se destacam Pushkin (1980) e Ponomariov (1973, 1976, 1987). Em anos recentes, o papel vital das forças sociais para a criatividade passaram a receber maior atenção, a partir da contribuição de alguns teóricos, como Amabile (1983, 1990) e Csikszentmihalyi (1988a, 1988b), nos Estados Unidos.

Especialmente Csikszentmihalyi contribuiu de forma decisiva para a mudança de enfoque na concepção da criatividade e na ampliação dos fatores considerados relevantes para a sua compreensão. Lembra ele (Csikszentmihalyi, 1988a, p. 18), por exemplo, que "estudar a criatividade focalizando apenas o indivíduo é como tentar compreender como uma macieira produz frutos, olhando apenas a árvore e ignorando o sol e o solo que possibilitam a vida". Csikszentmihalyi (1988b) sugere a necessidade de uma mudança de foco no seu estudo, destacando que "nós necessitamos abandonar a visão ptolomeica da criatividade, na qual a pessoa é o centro de tudo, para um modelo mais coperniano, no qual a pessoa é parte de um sistema de influências e informações mútuas" (p. 336), tendo proposto uma teoria sistêmica, que inclui forças sociais, culturais e da pessoa para explicar o fenômeno da criatividade.

Outros que também salientaram a dimensão social da criatividade foram Arieti (1976) e Schwartz (1992). Estes destacam que a criatividade não ocorre ao acaso, sendo antes profundamente influenciada por fatores ambientais, considerando os momentos de criação como resultantes de complexas circunstâncias sociais. Schwartz lembra, por exemplo, que a criação da maneira como é idealizada por muitos atualmente é uma ilusão, por concebê-la apenas como um fenômeno intrapsíquico, focalizando apenas a dimensão do indivíduo e deixando de lado forças políticas e sociais. Por outro lado, Arieti ressalta o papel vital da sociedade, chamando a atenção para os fatores sociais e ambientais que influenciam e inspiram a criatividade. De forma especial aponta Arieti para algumas culturas e alguns momentos da História que têm promovido a criatividade mais do que outras, detendo-se na identificação de características específicas dessas sociedades que promovem condições propícias à produção criativa. Ao descrever o perfil desta sociedade a que chama de criativogênica, Arieti considera nove fatores, como disponibilidade de meios culturais, abertura a estímulos ambientais, livre acesso aos meios culturais por todos os cidadãos sem discriminação, exposição a estímulos culturais diferentes e mesmo antagônicos e a presença de incentivos e prêmios.

Arieti ilustra o primeiro fator – disponibilidade de meios culturais e mesmo físicos, lembrando, por exemplo, que Beethoven jamais poderia ter surgido na África do século XVIII, dada a inexistência de condições propícias ao estudo da música erudita naquele continente. Arieti vai além, apontando para o fato de que, mesmo na Inglaterra, país próximo à Alemanha onde Beethoven nasceu, este compositor teria apenas uma chance mínima de se transformar no grande gênio da música clássica que foi, uma vez que a Inglaterra não dispunha do patrimônio cultural suficiente para o desenvolvimento musical, embora se destacasse em outras áreas, como filosofia, ciências e literatura. Além do patrimônio cultural, também *indispensáveis* são os meios físicos, que variam de área para área, como acesso a equipamentos científicos, revistas especializadas, mármore, madeira, tinta, partituras, instrumentos musicais etc.

É, pois, indubitável que o ambiente tenha um papel fundamental tanto para a emergência como para a repressão da criatividade. A influência poderosa das forças adversas presentes em nossa cultura foi anteriormente discutida por nós, além de outros autores como Rollo May (1982) e Maslow (1967). Em *A repressão ao potencial criador* (Alencar, 1989) e *A gerência da criatividade*

(Alencar, 1996), lembramos, por exemplo, a ênfase exagerada no pensamento analítico, convergente e lógico, predominante na sociedade ocidental, paralelamente aos processos de condicionamentos sedimentados ao longo de muitos anos como responsáveis pela subutilização por parte do indivíduo de suas possibilidades para criar e usufruir das fontes interiores de criação. Apontamos, ainda, uma série de pressupostos cultivados em nossa sociedade, como, por exemplo, de que *tudo tem que ter utilidade, tudo tem que dar certo, tudo tem que ser perfeito, não se pode divergir das normas impostas pela cultura etc.*, que também contribuem para manter adormecido o potencial para criar, presente em todo ser humano, dificultando à pessoa correr o risco de experimentar, de ousar, de divergir e de fazer um uso positivo de sua imaginação.

Uma análise da literatura sobre barreiras à expressão da criatividade indica que inúmeros foram os autores que as categorizaram, apresentando classificações diversas. Alguns deles chamaram a atenção para barreiras perceptuais, culturais e emocionais em suas taxonomias, como Adams (1986) e Alencar (1995, 1996) ou perceptuais, culturais, ambientais, emocionais, intelectuais e expressivas, como Jones (1993). Outros discriminam entre barreiras internas e externas, como Parnes (1967) e ainda outros, como Rickards e Jones (1991) fizeram referência a barreiras estratégicas, de valores, de natureza perceptual e relativas a auto-imagem. Embora seja vasta a literatura sobre o tema, observa-se, porém, que os estudos empíricos nesta área têm-se concentrado sobremaneira nas barreiras existentes no ambiente de trabalho, como os realizados por Amabile e Grysiewicz (1989), Rickards e Jones (1991) Bruno-Faria e Alencar (1996) e Alencar e Bruno-Faria (no prelo). Um estudo inicial sobre alguns fatores inibidores à criatividade pessoal foi realizado por Alencar, Fleith e Virgolim (1995), em uma amostra predominantemente de estudantes universitários.

O nosso interesse por este tema e especialmente pela identificação de barreiras que vêm dificultando profissionais de áreas diversas a expressar a sua criatividade levou-nos ao desenvolvimento do presente estudo, que teve como objetivo investigar as principais barreiras à expressão da criatividade percebidas por profissionais da área de educação de três países: Brasil, Cuba e Portugal.

Método

Sujeitos

Participaram do estudo 290 profissionais da área educacional, que atuavam no ensino desde a pré-escola até à universidade, incluindo professores do ensino regular, orientadores, psicólogos educacionais e professores do ensino especial, sendo 251 do sexo feminino e 39 do sexo masculino. Do total, 185 (178 mulheres e 7 homens) eram brasileiros, 72 (43 mulheres e 29 homens) cubanos e 33 (30 mulheres e 3 homens) portugueses. A idade média da amostra brasileira foi de 31 anos, a de Cuba, 42 anos e a de Portugal, 36 anos.

Instrumento e procedimento

Utilizou-se uma técnica aberta idealizada pela primeira autora, com base em um exercício proposto por Necka (1992) para identificar apenas barreiras internas à expressão da capacidade pessoal para criar. Esta consiste na seguinte sentença indutora, que deve ser completada de forma mais sincera e ampla possível: *Eu seria mais criativo(a) se...* Os sujeitos foram solicitados a completá-la durante seminários sobre criatividade em sala de aula, conduzidos pela primeira autora

em três cidades brasileiras e em uma cidade portuguesa. Os dados de profissionais cubanos foram coletados em Havana, Cuba, pela segunda autora, como atividade inicial de um curso sobre desenvolvimento da criatividade na instituição escolar.

Esta técnica, precisamente por seu caráter aberto, permite obter informações sobre o conjunto de elementos que o sujeito percebe conscientemente como constituindo um freio à sua expressão criativa.

É interessante assinalar que esta técnica permite a total e espontânea expressão por parte dos sujeitos em relação a suas reflexões sobre elementos que consideram bloqueios a sua criatividade, uma vez que possibilita respostas muito diversas, não só em termos do conteúdo, mas também ao nível de elaboração pessoal e vínculo afetivo expresso em relação a esses conteúdos, o que constitui importante indicador para estabelecer hipóteses sobre a força dinâmica que possuem os motivos com relação à criatividade na configuração personológica do sujeito (González, 1983, 1985; González & Mitjás, 1989; Mitjás, 1997).

Análise de dados

Realizou-se análise de conteúdo no seu sentido mais tradicional, elaborando-se categorias que permitiram abranger, em suas diversas matizes, o conteúdo referente às barreiras à criatividade pessoal, levando-se em conta como este conceito tem sido considerado na literatura especializada. É relevante destacar a que os sujeitos se referiam como constituindo barreiras à sua criatividade não representa necessariamente as barreiras reais, podendo existir uma apreciável distância entre o que o sujeito identifica conscientemente como um freio e o que realmente possa estar funcionando como tal.

Conhecer as barreiras que eventualmente estejam atuando em cada sujeito implicaria um estudo muito mais profundo, utilizando um conjunto maior de técnicas. Não obstante, o instrumento utilizado permite obter informações valiosas a respeito dos elementos que são percebidos pelos sujeitos como barreiras à sua criatividade, independentemente de se explorar o alcance real dessas barreiras e a ação de outras, não percebidas conscientemente.

Realizou-se a análise de conteúdo, considerando-se duas categorias principais, elaboradas a partir das respostas dos próprios sujeitos, a saber: barreiras pessoais e sociais.

Os principais desafios encontrados na análise de conteúdo foram:

1. Respeitar a diversidade de sentidos e matizes das respostas.
2. Determinar com precisão o caráter pessoal ou social de um tipo de resposta ou categoria de análise.

Nota-se que a classificação das barreiras da criatividade em pessoais e sociais é amplamente aceita e tratada na literatura atual. Existe consenso em se considerarem como barreiras pessoais aqueles elementos que freiam o indivíduo internamente, ou seja, aquelas características do próprio sujeito que limitam a sua criatividade. Estas características são essencialmente personológicas (insegurança, falta de motivação, medo, dificuldade para ver um problema sob diferentes ângulos, timidez etc.), além de outras relativas à falta de conhecimento ou de informação. As barreiras sociais se identificam com aqueles elementos culturais, institucionais, grupais, ideológicos etc., que, estando presentes no contexto onde o indivíduo atua, limitam sua expressão criativa (por exemplo, autoritarismo, falta de estímulo à criatividade, incompreensão pelos pares etc.). Sem embargo, o pessoal e o social estão fortemente interrelacionados, tendo sido, algumas vezes, difícil discernir o

sentido social ou pessoal de uma resposta. Ademais, um mesmo elemento pode ter para um sujeito uma conotação *pessoal, interna* e, neste sentido, ser interpretado como uma barreira pessoal, enquanto para outro tenha um sentido totalmente *externo a ele*, interpretando-se como uma barreira social. Um exemplo seria a categoria *tempo*, que apareceu com frequência na amostra estudada. A *falta de tempo* foi categorizada como uma barreira social, quando o sujeito se referia a este fator como uma barreira externa. Por outro lado, *ter uma melhor organização do tempo* foi categorizada como uma barreira pessoal.

Resultados

Na Tabela 1, são apresentadas a frequência e percentagem de sujeitos dos três países que apontaram apenas barreiras pessoais, apenas barreiras sociais ou ambos os tipos de barreiras.

Tabela 1. Frequência e percentagem de profissionais brasileiros, cubanos e portugueses que apontaram distintas categorias de barreira

Barreiras	Profissionais					
	Brasileiros		Cubanos		Portugueses	
	N	%	N	%	N	%
Apenas pessoais	121	65,40	11	15,27	15	45,45
Apenas sociais	49	26,49	41	56,94	7	21,21
Pessoais e sociais	15	8,11	20	27,77	11	33,33

Observou-se que um número significativamente maior de profissionais brasileiros comparativamente a cubanos apontaram barreiras apenas de ordem pessoal ($\chi = 25,35$; $p < 0,01$). Por outro lado, em comparação com a amostra brasileira e portuguesa, na amostra cubana, foram as barreiras sociais aquelas identificadas por um número maior de sujeitos ($\chi = 13,38$; $P < 0,01$ e $\chi = 6,33$; $p < 0,02$ respectivamente). Observou-se, ainda, que um número significativamente maior de profissionais portugueses comparativamente com brasileiros ($\chi = 14,91$; $p < 0,01$) apontaram barreiras de ambos os tipos.

Exemplos de respostas do primeiro grupo (barreiras de ordem apenas pessoal) são apresentados a seguir:

Eu seria mais criativo(a) se...

Não fosse o medo que tenho das opiniões dos outros. O medo do ridículo ou de errar me faz tremer e aí não consigo nem ter idéias (Brasil).

Lograste uma melhor comunicação com os meus semelhantes, pois isto me permitiria debater, escutar pontos de vista interessantes, critérios que evidentemente enriqueceriam meu próprio fazer. Ao mesmo tempo, eliminaria barreiras originadas em estereótipos que se acham arraigados em minha pessoa, que, em ocasiões, me impedem ver os distintos lados, pela frente e por trás do mundo que me rodeia e, desta maneira, possibilitaria descobrir e redescobrir tantas coisas interessantes! (Cuba).

Eliminasse alguns complexos de inferioridade. E tivesse coragem de arriscar sem medo de

ser rejeitado pela sociedade. Se me libertasse de tudo o que é normativo. Se vivesse mais em comunhão com a natureza e se vivesse mais o momento presente sem pensar no passado e no futuro. Em suma, se melhorasse o meu autoconceito, usando menos a razão e procurando sentir tudo de todas as maneiras (Portugal).

Seguem-se alguns exemplos de respostas do segundo grupo (barreiras de ordem apenas social):

Eu seria mais criativo(a) se...

Tivesse oportunidades para explorar o meu potencial imaginário pois sempre gostei de criar, inovar, mas, desde pequena, fui podada em casa, na escola e na própria sociedade onde vivi (Brasil).

Contasse com mais tempo para dedicar ao questionamento do que realizo, para a busca de novas vias para a organização do meu trabalho administrativo-técnico-docente.

Se tivesse a possibilidade de obter informação atualizada sobre a especialidade profissional da qual me ocupo.

Se, em minha etapa de formação, me houvessem habituado e treinado a ser criativo (Cuba).

Em minha infância me tivessem estimulado a;

se tivesse tido professores e ambiente que tivessem estimulado a leitura e as artes;

se não tivesse bloqueios de ordem social (e tivesse sido motivada) (Portugal).

Alguns exemplos de respostas relativas ao terceiro grupo (barreiras de ambos os tipos):

Exercitasse mais, se aproveitasse mais as oportunidades, se obtivesse mais oportunidades, se a escola onde estudei e a minha família tivessem trabalhado nesta área, me incentivando e criando oportunidades (Brasil).

Usasse mais a reflexão;

se fosse capaz de usar da melhor maneira possível minhas potencialidades;

se o meio em que me desenvolvo fosse mais exigente comigo, devido à experiência de muitos anos de prática pedagógica ininterrupta;

se tivesse ao meu alcance maior informação científica sobre como proceder inteligentemente (Cuba).

não andasse tão cansada (cheia de stress);

se me dedicasse mais ao "projeto"; se me sentisse bastante motivada; se fosse apoiada (bastante) se o trajeto para o trabalho

não fosse tão longo;

se estivesse com melhores condições emocionais para pensar;

se o projeto estivesse dentro da

minha área de interesse (Portugal).

Examinaram-se, também, no estudo, o número de barreiras apresentadas pelos sujeitos dos

distintos países e o conteúdo das mesmas. Os resultados relativos ao primeiro. destes aspectos são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2. Freqüência e percentagem de profissionais brasileiros, cubanos e portugueses que apontaram distintos números de barreiras

Número de barreiras	Brasileiros		Cubanos		Portugueses	
	N	%	N	%	N	%
1	120	64,86	18	25,00	8	24,24
2	56	30,27	20	27,77	9	27,27
3	4	2,16	19	26,38	6	18,18
4 ou mais	5	2,70	15	20,83	10	30,30

Uma análise desta Tabela indica uma distribuição semelhante por parte dos sujeitos cubanos e portugueses, tendo cerca de 25% dos sujeitos apontado apenas para uma barreira, 27%, duas barreiras e os demais, 3 ou 4 barreiras. Por outro lado, um percentual significativamente maior de profissionais brasileiros (64,86%), comparativamente a cubanos e portugueses, apontou apenas uma barreira à sua criatividade pessoal ($\chi = 15,38$; $p < 0,01$ e $\chi = 7,90$; $p < 0,02$ respectivamente, tendo sido bem reduzido o número de brasileiros, comparativamente com o de profissionais dos dois outros países, que relacionaram três ou quatro barreiras (2,16 e 2,7% respectivamente).

Em relação ao conteúdo das barreiras pessoais apontadas pela amostra brasileira, o medo (de errar, do fracasso, da crítica, do ridículo e de expor as próprias idéias) foi a mais freqüente, tendo sido lembrada por 20,0% da amostra. Foi também o medo (de errar, da crítica ou do fracasso) a barreira pessoal apontada por um maior número de sujeitos portugueses (33,33%), ao passo que, na amostra cubana, a barreira de ordem pessoal mais apontada foi a insuficiente capacidade de observação, análise ou reflexão, salientada por 12,5% da amostra.

Quanto às barreiras de ordem social, tanto na amostra cubana como na portuguesa e na brasileira, a falta de tempo foi o aspecto apontado como barreira com mais freqüência, tendo sido lembrada por 41,7%, 24% e 7,6% das três amostras respectivamente. Ademais, na amostra cubana, duas outras barreiras foram lembradas por um percentual significativo de sujeitos, a saber: falta de preparação teórica, de informações atualizadas (34,7%) e escassez de recursos materiais para o trabalho didático (23,6%).

Discussão e conclusões

Os dados apresentados indicam diferenças entre os profissionais dos distintos países nas barreiras mais freqüentemente apontadas à expressão de sua criatividade, o que, consideramos, está diretamente relacionado com as diferenças de contexto e com seu impacto na subjetividade individual, reforçando a tese da importância do social na criatividade. Observou-se, por exemplo, que, na amostra cubana, foram as barreiras sociais as mais freqüentemente apontadas. Estas superaram em duas vezes e meia a freqüência com que foram expressas as barreiras pessoais. Entre as barreiras sociais, aparecem com maior número de respostas as relativas à falta de tempo, a insuficiência de formação teórica e de informação científica atualizada e a escassez de recursos materiais para o trabalho didático, todas relacionadas, a nosso juízo, com a difícil situação econômica por que passa Cuba no momento atual e permeia o trabalho nas instituições e a situação vital das pessoas. Sem embargo, nem todos os sujeitos assinalaram as barreiras mencionadas, o que evidencia as diferenças de percepção e, presumivelmente, de impacto desses fatores na amostra estudada. As

barreiras derivadas do funcionamento específico da instituição de trabalho aparecem em um segundo plano em relação às anteriormente mencionadas. Uma possível hipótese para explicar tal resultado talvez seja o maior impacto dos fatores *macro* na representação individual.

As barreiras pessoais foram assinaladas, na amostra cubana, com muito menor frequência que as sociais, o que se pode dever ao maior impacto das segundas devido à difícil situação por que passa o país. Somente um estudo mais profundo com cada um dos sujeitos poderia permitir passar de um nível descritivo das barreiras percebidas para um nível explicativo do real significado dessas percepções e seu verdadeiro sentido na expressão da criatividade de cada um deles.

Por outro lado, tanto na amostra brasileira quanto na portuguesa, as barreiras de caráter eminentemente pessoal foram salientadas por um número maior de profissionais. Este dado se assemelha a outros anteriormente obtidos com uma amostra composta especialmente por estudantes universitários (Alencar, Fleith & Virgolim, 1995), quando barreiras de ordem pessoal, incluindo tanto as de caráter emocional como as referentes a traços de personalidade foram mais ressaltadas. É, entretanto, relevante lembrar que muitas das barreiras pessoais apontadas, como o medo de errar, de correr riscos, de expor idéias, a insegurança ou os sentimentos de inferioridade são frutos, muitas vezes, de uma educação repressora, refletindo valores e pressupostos cultivados na sociedade, internalizados desde os anos de infância e de uma educação que ressalta muito mais a incompetência e a incapacidade do que o que cada um tem de melhor.

Quanto ao número de barreiras relacionadas pelos distintos grupos, observaram-se também diferenças, tendo um número significativamente maior de profissionais brasileiros apontado um número menor de barreiras do que os cubanos e portugueses. Uma possível hipótese para explicar este resultado pode estar relacionada à intensidade da(s) barreira(s) inicialmente lembrada(s). É possível também hipotetizar que, ao expressar uma única barreira, o sujeito tenha interpretado como sendo aquela que efetivamente mais vem impedindo ou dificultando uma melhor expressão de sua criatividade pessoal. Caso o instrumento utilizado para a coleta de dados fosse outro, como, por exemplo, se se tivesse utilizado um inventário que possibilitasse ao sujeito avaliar e apontar distintas barreiras e ainda a intensidade de cada uma delas, possivelmente os resultados teriam sido diferentes. É de nosso interesse investigar este aspecto, o que já foi iniciado através da construção de um instrumento de medida (Alencar, pesquisa em andamento). O uso deste instrumento irá permitir ampliar os indicadores de análise para avançar a compreensão da significação e o sentido das barreiras à criatividade percebidas pelos sujeitos. Isto também poderia ser alcançado utilizando-se o instrumento original (Eu seria mais criativo se...) juntamente com outras técnicas abertas (composições, entrevistas, situações-problemas etc.), sendo ainda interessante realizar uma pesquisa de caráter metodológico comparando as possibilidades de ambas aproximações na compreensão do real sentido das barreiras percebidas pelos sujeitos.

Destaca-se, ainda, que, embora tenha sido utilizada a técnica de análise de conteúdo em sua expressão tradicional e a ela se refiram os resultados expostos, é oportuno assinalar que foram constatadas diferenças na produção dos sujeitos com relação ao vínculo afetivo e ao nível de elaboração pessoal nas respostas. Exemplos observados na amostra cubana que ilustram este aspecto são apresentados a seguir:

Sujeito A - Eu seria mais criativo , se pudesse obter bibliografia atualizada.

Sujeito B - Eu seria mais criativa se não estivesse distante da docência direta, pois esse intercâmbio com os estudantes me enriquece, motiva e desperta a criatividade. Isto eu o tenho comprovado na prática, cada vez que tenho a maravilhosa oportunidade de me comunicar com os estudantes.

Sempre penso o que fazer para que desenvolvam sua imaginação criadora e possam produzir poesias e contos preciosos. Cada vez que posso, trato de propiciar este encontro para não deixar de ser professora e desfrutar a plenitude de minha condição.

Estas diferenças entre os sujeitos na forma de expor uma barreira que consideram freio à sua criatividade nos permitem hipotetizar a existência de diferenças na força dinâmica dos motivos vinculados com o conteúdo expresso, aspecto que pretendemos também explorar melhor utilizando outras técnicas abertas em um estudo futuro com profissionais de distintos países.

Era interesse das autoras do presente estudo comparar uma amostra de sujeitos do sexo masculino e feminino, o que, entretanto, não foi levado a efeito devido ao reduzido número de homens nas amostras brasileira e portuguesa. Também este será um aspecto a ser posteriormente investigado pelas autoras do presente estudo.

Para finalizar, queremos destacar que conhecer as barreiras à expressão da criatividade em profissionais de educação em diferentes países pode também ter importantes implicações práticas, sobretudo se levarmos em conta o papel relevante destes profissionais no desenvolvimento da criatividade dos estudantes. A identificação das principais barreiras percebidas por estes profissionais em diferentes contextos permite organizar estratégias de intervenção, específicas e diferenciadas, que possibilitam ampliar de forma apreciável suas possibilidades de expressão criativa e, conseqüentemente, suas possibilidades de exercer uma maior influência educativa em relação à criatividade em suas instituições. Supera-se, assim, a forma estandarizada e homogênea com que, muitas vezes, se organizam e se realizam cursos, workshops e outras atividades voltadas para o desenvolvimento da criatividade, às vezes, sem levar em conta a especificidade do contexto sócio-econômico e as reais necessidades dos sujeitos e das instituições a que são dirigidas. Por outro lado, um estudo em maior escala destas barreiras pode permitir tecer recomendações técnicas devidamente fundamentadas que se incorporem às políticas que regem a concepção, organização e funcionamento do sistema educativo e das categorias profissionais que nele atuam. O desenvolvimento da criatividade na educação passa necessariamente pelo nível da criatividade dos profissionais que nele se encontram. Conhecer as barreiras que enfrentam constitui uma condição necessária para poder superá-las.

Referências Bibliográficas

- Alencar, E. M. L. S. (1989). A repressão ao potencial criador. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 9(3), 11-13.
- Alencar, E. M. L. S. (1995). *Criatividade*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- Alencar, E. M. L. S. (1996). *A gerência da criatividade*. São Paulo: Makron Books.
- Alencar, E. M. L. S. (pesquisa em andamento). Construção de um inventário para identificação de barreiras à criatividade pessoal.
- Alencar, E. M. L. S., Fleith, D. S. & Virgolim, a. M. R. (1995). Fatores inibidores à criatividade em

- estudantes universitários e professores. In R. S. L. Guzzo, G. P. Witter, S. Pfromm Netto, E. Rosado & S. Wechsler (Orgs.), *O futuro da criança na escola, família e sociedade* (pp. 105-109). Campinas: Editora Átomo.
- Alencar, E. M. L. S. & Bruno-Faria, M. F. (in press). Characteristics of an organizational environment which stimulate and inhibit creativity. *Journal of Creative Behavior*.
- Adams, J. L. (1986). *Conceptual blockbusting. A pleasurable guide to better problem solving*. New York: Norton.
- Amabile, T. M. (1983). *The social psychology of creativity*. New York: Springer.
- Amabile, T. M. (1990). Within you, without you: The social psychology of creativity and beyond. Em M. A. Runco (Org.), *Theories of creativity*. Newberry Park: Sage.
- Amabile, T. & Gryskiewicz, M. D. (1989). The creative environment scales: Work environment inventory. *Creativity Research Journal*, 2, 231-253.
- Arieti, S. (1976). *Creativity. The magic synthesis*. New York: Basic Books.
- Bruno-Faria, M. F. & Alencar, E. M. L. S. (1996). Estímulos e barreiras à criatividade no ambiente de trabalho. *Revista de Administração*, 31 (2), 50-61.
- Csikszentmihalyi, M. (1988a). The domain of creativity. Trabalho apresentado no Congresso de Criatividade. Pitzer College, Claremont, Estados Unidos.
- Csikszentmihalyi, M. (1988b). Society, culture, and person: a systems view of creativity. In R. I. Stemberg (Org.), *The nature of creativity* (pp. 325-339). Cambridge: Cambridge University Press.
- González, F. (1983). *Motivacion profesional en adolescentes y jóvenes* La Habana: Editorial Ciencias Sociales.
- González, F. (1987). *Psicologia de la personalidad*. La Habana: Pueblo y Educación.
- González, F. & Mitjans, A. (1989). *La personalidad; su educación y desarrollo* La Habana: Pueblo y Educación.
- Jones, I. I. (1993). Barriers to creativity and their relationship to individual, group, and organizational behavior. In S. G. Isaksen, M. C. Murdock, R. L. Firestien & D. I. Treffinger (Orgs.), *Nurturing and developing creativity: The emergence of a discipline* (pp. 133-154). Norwood, N.J.: Ablex.
- Maslow, H. H. (1967). The creativity attitude. In R. L. Mooney & T. A. Razik (Orgs.), *Explorations in creativity*. New York: Harper & Row.
- May, R. (1982). *A coragem de criar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Mitjans, A. (1997). *Personalidade, criatividade e educação*. São Paulo: Papirus. Necka, E. (1992). *Creativity training*. Cracov: Universitas.
- Parnes, S. I. (1967). *Creative behavior guidebook*. New York: Charles Scribner's.
- Ponomariov, Y. A. (1973). *Investigações sobre Psicologia da Criatividade*. Moscou: Nauka (em russo).
- Ponomariov, Y. A. (1976). *Psicologia de la Criatividade*. Moscou: Nauka (em russo).
- Ponomariov, Y. A. (1987). *Psicologia y actividad creadora. Psicologia en el Socialismo*. Habana: Ciencias Sociales.
- Pushkin, V. N. (1980). *La Heurística y los problemas de la ciencia moderna*. Habana: Impresiones

ligeras de la Universidad de la Habana.

Rickards, T. & Jones, I. 1. (1991). Toward the identification of situational barriers to creative behaviors: The development of a self report inventory. *Creativity Research Journal*, 4(4),303-315.

Schwartz, J. (1992). *O momento criativo. Mito e alienação na ciência moderna*. São Paulo: Best Seller.

Vygotsky, L. S. (1980). *Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores*. Habana: Editorial Científico-Técnica (Trabalho original elaborado em 1931).

Vygotsky, L. S. (1990). Imagination and creativity in childhood. *Soviet Psychology*, 28(1), 84-96 (Trabalho original publicado em 1932).

Vygotsky, L. S. (1991). Imagination and creativity in the adolescent. *Soviet Psychology*, 29 (1), 73-88 (Trabalho original publicado em 1931).